

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

Fazer música [Making music]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Wolfart, Graziela
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-10 18:58:24
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/159680

e praticam o samba de roda e outros gêneros musicais que foram registrados como patrimônio imaterial podem alterar e fazer como quiserem. O patrimônio imaterial pressupõe uma cultura viva, um patrimônio vivo, e assim sendo está sempre sendo mudado e mexido pelas pessoas que o fazem. E sobre isso, eu avalio muito positivamente. A partir do reconhecimento que a Unesco deu ao samba de roda e que contribuiu muito com a mobilização dos próprios sambadores, levou-se à criação de uma associação de sambadores e do chamado “pontão de cultura do samba de roda”, além da casa do samba em Santo Amaro. Todo esse movimento foi visto como muito positivo.

IHU On-Line - Como tradição e modernidade interagem no discurso Manguê Beat?

Carlos Sandroni - Há uma interação muito forte. No fundo, tradição e modernidade são elementos que têm muito mais interação do que geralmente se fala. Costuma-se apresentá-los como sendo coisas opostas. Na realidade, um conceito depende do outro. Tradição é uma expressão que começa a ser usada justamente com mais força no sentido que é dado hoje em dia junto com a modernidade. A ideia de tradição é algo que pressupõe uma transformação constante. As coisas, para permanecerem, precisam mudar. A alternativa para isso é a morte. A única maneira de algo permanecer é mudar. E tradição pressupõe a mudança. O Manguê Beat é um exemplo muito bom disso, na medida em que começou a usar elementos considerados tradicionais, como os tambores de maracatu, junto com uma postura de banda de palco, com guitarra, bateria e baixo elétrico. Isso ocasionou uma valorização e uma repercussão positiva nas pessoas que estavam fazendo esses movimentos e que estavam num momento de desvalorização por parte da sociedade. Na medida em que o Manguê Beat foi para os festivais de rock, também os maracatus passaram a ser mais valorizados nas próprias comunidades que os praticavam.

Fazer música: uma prática de cidadania

Na visão do professor norte-americano Christopher Dunn, a canção brasileira é uma boa indicação da diversidade do povo brasileiro

POR GRAZIELA WOLFART

Estudioso da música e da cultura brasileira, o professor Christopher Dunn percebe que “além de tratar de temas políticos e sociais que têm a ver com a temática da cidadania, a própria prática de fazer música, muitas vezes, sobretudo no Brasil contemporâneo, é uma prática de cidadania”. Na entrevista que concedeu por telefone para a IHU On-Line, ele afirma que “há uma tradição muito forte na música popular brasileira de se apropriar de estilos e gêneros do exterior e fazer com eles música nova. Podemos remeter isso à tradição antropofágica do Brasil, de deglutir o que vem de fora e fazer algo novo”. E completa: “o Brasil é um país completamente integrado na economia mundial e está muito ligado à internet, sobretudo a classe média. Então não há dúvidas de que tais tendências culturais globalizadas irão exercer uma influência muito forte sobre a cultura brasileira”.

Christopher Dunn é professor de literatura e estudos culturais brasileiros na Tulane University, de Nova Orleans, Estados Unidos. É autor do livro *Brutality Garden: Tropicália and the emergence of a Brazilian Counterculture* (University of North Carolina Press, 2001) e coorganizador de *Brazilian popular music and globalization* (Routledge, 2001). Atualmente trabalha com a questão da contracultura dos anos 1970. Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que a canção brasileira revela sobre as características de seu povo?

Christopher Dunn - Há tantas dimensões na música popular brasileira que é difícil resumir, mas acho que podemos dizer que a canção brasileira é uma boa indicação da diversidade do povo brasileiro, porque é muito variada. Eu acabo de terminar um livro sobre a música popular e a cidadania, que tem vinte artigos, tanto de pesquisadores brasileiros como de americanos, e nossa pesquisa revelou que há uma tradição na canção moderna brasileira de refletir profundamente sobre a condição de cidadania no Brasil. Além de canções de amor, que são muitas, há canções satíricas, humorísticas, e há também

uma tradição de fazer música sobre a sociedade e sobre a situação social do brasileiro. Mas isso não é somente no Brasil, então se torna difícil distinguir precisamente uma característica brasileira. É melhor ver simplesmente as tendências.

IHU On-Line - Em que sentido a canção é uma forma de exercer a cidadania?

Christopher Dunn - Além de tratar de temas políticos e sociais que têm a ver com a temática da cidadania, a própria prática de fazer música, muitas vezes, sobretudo no Brasil contemporâneo, é uma prática de cidadania. Como, por exemplo, o movimento hip hop, em São Paulo, que é um verdadeiro movimento so-

cial, que envolve a comunidade, que busca trabalhar com jovens que estão em risco. O mesmo se pode dizer sobre o grupo Afro Reggae¹, do Rio de Janeiro, que é um grupo cultural, mas também tem um papel social muito importante na comunidade das favelas do Rio de Janeiro. A mesma coisa pode ser dita sobre o movimento dos blocos afro, que desde os anos 1970, na Bahia, em Salvador, funcionam como uma espécie de movimento social muito voltado para questões de cidadania e acabam envolvendo pessoas que não têm nada a ver com música em si, mas que têm mais a ver com outras atividades, sempre voltadas para questões de consciência social, política e racial. Com isso procuramos ver a música popular como uma espécie de exercício de cidadania, tanto do ponto de vista de canções e músicas que tematizam essa questão como de movimentos ou grupos culturais que funcionam com essa prática.

IHU On-Line - O que caracteriza a canção durante o movimento Tropicália?

Christopher Dunn - Com a Tropicália² há uma tentativa de redimensionar a canção brasileira de forma totalmente híbrida e, por que não,

“Há uma tradição na canção moderna brasileira de refletir profundamente sobre a condição de cidadania no Brasil”

pós-moderna, no sentido de que, em vez de desenvolver um estilo próprio, como a Bossa Nova³, produziu um som muito baseado na estética do pastiche. A estética do pastiche é justamente citar, sem necessariamente parodiar, uma variedade muito grande de sons. Existem aí citações de rock, de músicas latino-hispano-americana, de música nordestina, a bossa nova, o samba. A característica fundamental da Tropicália é justamente essa flexibilidade, esse trânsito entre vários sons e vários estilos, sem propor um estilo próprio e novo. É justamente essa multiplicidade da Tropicália à justa posição de sons, estilos e referências que é a característica principal do movimento.

IHU On-Line - Que relação pode ser estabelecida entre a música popular brasileira e a globalização?

Christopher Dunn - Há uma tradição muito forte na música popular brasileira de se apropriar de estilos e gêneros do exterior e fazer com eles música nova. Podemos remeter isso à tradição antropofágica do Brasil, de deglutir o que vem de fora e fazer algo novo. Vemos isso desde o samba,

³ **Bossa Nova**: subgênero musical derivado do samba e com forte influência do jazz estadunidense, surgido no final da década de 1950 no Rio de Janeiro. De início, o termo era apenas relativo a um novo modo de cantar e tocar samba naquela época, ou seja, a uma reformulação estética dentro do moderno samba carioca urbano. Com o passar dos anos, a Bossa Nova tornar-se-ia um dos movimentos mais influentes da história da música popular brasileira, conhecido em todo o mundo e, especialmente, associado a João Gilberto, Nara Leão, Vinícius de Moraes, Elis Regina, Antonio Carlos Jobim, Baden Powell, Bebel Gilberto e Luiz Bonfá. Sobre o tema, confira a edição 272 da revista IHU On-Line, 08-09-2008, intitulada *Chega de saudade...* Bossa nova, 50 anos, disponível para download em <http://bit.ly/rCng-Mi> (Nota da IHU On-Line).

no início dos anos 1920, apesar de ser totalmente enraizado nas tradições brasileiras, até a bossa nova, que foi uma maneira de trabalhar com alguns aspectos do jazz norte-americano. A Tropicália é um exemplo disso. Podemos ver também o rock brasileiro dos anos 1980, o movimento Mangue Beat, que está totalmente inserido dentro de um contexto internacional de música popular, e o movimento rap. O Brasil é um país completamente integrado na economia mundial e está muito ligado à internet, sobretudo a classe média. Então, não há dúvidas de que tais tendências culturais globalizadas irão exercer uma influência muito forte sobre a cultura brasileira.

IHU On-Line - Qual a principal contribuição da canção para as transformações culturais de um país? Qual a especificidade brasileira nesse caso?

Christopher Dunn - Não sei se a canção é o motor transformador de uma cultura, ou se é um reflexo de transformações culturais que estão em curso, ou ainda se se trata de uma relação dialética, com movimentos pelos dois lados. Os tropicalistas encararam as transformações do Brasil que decorreram da ditadura e da implantação e instauração de um regime de modelo de modernização autoritária e que produziu ou exacerbou algumas contradições dentro da sociedade. Mas, ao captar, também conseguiram de alguma forma transformar a cultura brasileira e propor novos modelos de entender a sociedade. O mesmo ocorre em relação a esses grupos mais contemporâneos que, respondendo ao recuo do Estado em relação à participação social, as comunidades muito marginalizadas, praticamente excluídas do Estado, começaram a trabalhar a cultura como uma forma de exercer a cidadania. Essa foi uma resposta às condições materiais, sociais da sociedade durante a época posterior à ditadura, depois dos anos 1980. Esses grupos acabaram tendo uma influência muito grande sobre a forma como os brasileiros entendem sua condição social. É um reflexo que acaba também captando um processo, dessa forma transformando a so-

¹ O Grupo Cultural Afro Reggae, ou apenas Afro Reggae, é uma ONG que também atua como banda musical surgida em 1993 inicialmente como um jornal informativo (Afro Reggae Notícias) das festas que o grupo realizava e também a valorização da cultura negra voltada, sobretudo, aos jovens ligados a música como reggae, soul e hip hop. O site oficial é www.afroreggae.org (Nota da IHU On-Line)

² **Tropicalismo ou movimento tropicalista**: movimento cultural brasileiro que surgiu sob a influência das correntes artísticas de vanguarda e da cultura pop nacional e estrangeira (como o pop-rock e o concretismo); misturou manifestações tradicionais da cultura brasileira a inovações estéticas radicais. Tinha objetivos comportamentais, que encontraram eco em boa parte da sociedade, sob o regime militar, no final da década de 1960. O movimento manifestou-se principalmente na música (cujos maiores representantes foram Caetano Veloso, Gilberto Gil, Torquato Neto, Os Mutantes e Tom Zé); manifestações artísticas diversas, como as artes plásticas (destaque para a figura de Hélio Oiticica), o cinema (o movimento sofreu influências e influenciou o Cinema novo de Gláuber Rocha) e o teatro brasileiro (sobretudo nas peças anárquicas de José Celso Martinez Corrêa). Um dos maiores exemplos do movimento tropicalista foi uma das canções de Caetano Veloso, denominada exatamente de “Tropicália”. (Nota da IHU On-Line)